ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA

UMA CRISE EM DESENVOLVIMENTO

Textos de Rodrigo Lefèvre
(1963-1981)

Ana Paula Koury
(organização)

edusp

FAPESP

Arquitetura Moderna Brasileira:
Uma Crise em Desenvolvimento

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Vahan Agopyan
Vice-reitor Antonio Carlos Hernandes

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Lucas Antonio Moscato

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente Rubens Ricupero
Vice-presidente Valeria De Marco
Carlos Alberto Ferreira Martins
Clodoaldo Grotta Ragazzo
Maria Angela Faggin Pereira Leite
Ricardo Pinto da Rocha
Tânia Tomé Martins de Castro
Suplentes José Roberto Castilho Piqueira
Marta Maria Geraldes Teixeira
Sandra Reimão

Editora-assistente Carla Fernanda Fontana
Chefe Téc. Div. Editorial Cristiane Silvestrin

Arquitetura Moderna Brasileira: Uma Crise em Desenvolvimento

Textos de Rodrigo Lefèvre (1963-1981)

ANA PAULA KOURY
(organização)

edusp

FAPESP

Copyright © 2019 by Ana Paula Koury

Processo Fapesp 2017/21006-8

Ficha catalográfica elaborada pela Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu).

Koury, Ana Paula
Arquitetura Moderna Brasileira: Uma Crise em Desenvolvimento: Textos de Rodrigo Lefèvre (1963-1981) / Ana Paula Koury (org.). – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2019.
456 p.; 25,5 cm.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-314-1729-0

1. Arquitetura. 2. Rodrigo Lefèvre. 3. Urbanismo. 4. Ensino de arquitetura. 1. Titulo.

CDD 724.981

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: Tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2019

Foi feito o depósito legal

Canteiro

HÉCTOR OLEA*

o de sempre:

a verdade
como o poema
quando não se conhece
se vive

---

finalidade da vida: seres vivos
finalidade da arte: obras vivas

---

por exemplo:

Projeto suponha-se um momento
de um acampamento e ponha-se em movimento
da obra: toda uma máquina de imaginação
UMA UTOPIA que habite o leitor
a habitar o poema

• instalar o canteiro

Transformar o canteiro
um sim simples de obra
ensina não palavras onde se erguem
RES NON VERBA os barracos dos operários
do poema numa espécie de escola:
A simplicidade não tem nome

• conhecer o operário

um Geraldo cujo eixo do mundo
"o maçarico" manda traçar
SOL DA SOLDA uma linha reta
saiu esta semana que atravessa

*Héctor Olea, "Canteiro", *Novos Estudos Cebrap*, n. 11, jan. 1985, pp. 32-33, homenagem póstuma a Rodrigo Lefèvre.

da colônia o centro vazio
/até unir dois pontos
instituto/penal (indo e vindo)
para se integrar de qualquer lugar
à integridade da obra a qualquer jeito:

autógena

• alinhar os eixos

individualidade Um centro
é inseparável de comunidade de formação
tudo cresce de pedreiros
e opera marceneiros
o poema desenhista e
independentemente do próprio arquiteto

• abrir as valas

Todo projeto
morreu de casa interior
passa antes por um estudo
acidente preliminar
sábado da história interna

• colocar os alicerces

Mar adentro Na Guiné-Bissau
há conhecimento a fundo/ Projetos
azul profundo de ampliação
parece da rede
metáfora de fundação hospitalar
de perto: Reconstrução Nacional

• erguer as paredes

Ele é síntese ...paredes
da contribuição em negrito de escuridão
em períodos de negritude que aprisionam
(entre parênteses) a noite austera
além da prancheta duma autoridade
poesia e atos
na militância política sem autores
O MUNDO: obra anônima

• formar a estrutura

"se não A Lição:
existe a possibilidade AURA NA OBRA
de uma criação aparição única
coletiva do longe
é preciso
que ela seja criada" por mais próxima que esteja

• concretar

ANDARILHO BOM minha perplexidade
assiste atônita
aos tantos tons
do fim plasmado do dia
: o badalo na obra
NENHUMA PEGADA descanso pasmado

• imprevistos

– O BRASIL PEDE ASILO A SI MESMO –

• retirar as formas

QUERER: ser querência
OPTAR: ser ruptura
VOLTAR: ser revolta
considera um problema
o corpo como o mundo não tanto de forças
como
ama o mundo de aplicação
como seu próprio corpo de forças

• chegar à cobertura

Só pelo para fazer cantar
fato de não ter sido o ponto de apoio
entendido é preciso
é que me esforço de apoio
e faço para que cante
questão de primeiro
oferecer uma imagem: o canteiro
dele/ EUPALINOS

• fixar os vãos

deslocamento de pontos
uma janela de vista outra vez
uma luz de convergência ou talvez de fuga
uma porta por trás do através
o acesso onde posso detectar
perspectiva em vão uma ordem
uma crise uma regularidade
de identidade simetrias e retornos
Sim eternos
não é ante portas que se escancaram
um arquiteto para ninguém e
que deixa janelas que se fecham
4 ou 5 casinhas não se sabe por quê
/ a obra abre
uma única saída
: o poema

• habitar o poema

isto é:

convive-se
enquanto não se reconhece
como o problema
de verdade

---

princípio da vida: *entes*,
princípio da arte: *e não antes*

/ existência é insistência
viver: *vital*

Sumário

Introdução 13

Notas Biográficas 17

Da Produção à Gestão; do Estudo da Periferia à Atuação na Guiné-Bissau: Notas sobre a Trajetória de Rodrigo Lefèvre 21

TEXTOS SELECIONADOS

Apresentação 41

UMA CRISE EM DESENVOLVIMENTO 43

Uma Crise em Desenvolvimento 45

Casa do Juarez 49

Consumo da Arquitetura Nova 53

Entrevista a Renato de Andrade Maia 57

NOTAS SOBRE O ENSINO DA ARQUITETURA 81

Fórum de Debates 1968: Documentos e Relatórios das Comissões e Subcomissões 83

Notas de um Estudo sobre Objetivos do Ensino da Arquitetura e Meios para Atingi-los em Trabalho de Projeto 87

Do Pensar, do Fazer... 141

Artigo para a Revista *Varal* 151

ARQUITETURA E URBANIZAÇÃO 155

Notas sobre o Papel dos Preços de Terrenos em Negócios Imobiliários de Apartamentos e Escritórios, na Cidade de São Paulo 157

Arquitetura e Desenvolvimento Nacional: Depoimentos de Arquitetos Paulistas 179

O Arquiteto Assalariado 191

UMA UTOPIA 195

Projeto de um Acampamento de Obra: Uma Utopia 197

Capítulo I. Por que utopia? 203

Capítulo II. O modelo de uma produção, numa época de transição 233

Capítulo III. Processos de "substituição", "absorção" e "preservação" da cultura do povo pela cultura de massa e cultura erudita 271

Capítulo IV. Algumas características culturais dos migrantes, trazidas para ou adquiridas nos grandes centros urbanos 291

Capítulo V. Algumas características das atitudes dos técnicos de grau superior em relação aos seus trabalhos 345

Capítulo VI. Algumas transformações recentes na pedagogia 359

Capítulo VII. Projeto de um acampamento de obra 399

Bibliografia 445

Referências 449

Introdução

Uma Crise em Desenvolvimento é o título que foi dado por Rodrigo Lefèvre (1938–1984) ao artigo que escreveu em 1966 questionando a positividade do desenvolvimento brasileiro. Escrito dois anos depois do golpe civil-militar ocorrido em 1964, o artigo polemiza com aquele que foi escrito no ano anterior, 1965, por João Batista Vilanova Artigas (1915–1985), intitulado "Uma Falsa Crise"[1]. Esse artigo foi publicado como introdução ao número especial da revista *Acrópole* dedicado à obra dos arquitetos Flávio Império (1935–1985), Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro (1938). O título expressa a crítica ao desenvolvimentismo, elemento essencial para a compreensão do legado de Lefèvre à cultura arquitetônica e urbanística brasileira.

Este volume está organizado em três partes. A primeira narra a trajetória do autor, baseada em informações provenientes, na sua maior parte, dos currículos guardados no acervo pessoal de Lefèvre, hoje integrado à Biblioteca da FAU-USP, e dos trabalhos acadêmicos sobre Lefèvre de autoria de Miguel Buzzar (doutorado, 2002[2]) e Humberto Pio Guimaraes (mestrado, 2006[3]).

A segunda parte do livro reúne os textos de autoria de Rodrigo Lefèvre. Os textos foram organizados segundo temas recorrentes por ele abordados: a polêmica sobre o desenvolvimento; ensino e profissão; urbanismo;

1. João Batista Vilanova Artigas, "Uma Falsa Crise".
2. Miguel Buzzar, *Rodrigo Brotero Lefèvre e a Ideia de Vanguarda*.
3. Humberto Pio Guimaraes, *Rodrigo Lefèvre, A Construção da Utopia*.

e o que foi nomeado como uma utopia social (tema sob o qual é apresentado o texto inédito de sua dissertação de mestrado).

A terceira parte reúne referências completas com textos "de" e "sobre" Rodrigo Lefèvre.

Sem querer reduzir as interpretações possíveis do material reunido, vale a pena destacar as principais perguntas que orientaram a seleção dos textos apresentados. Qual o lugar de Rodrigo Lefèvre na história da arquitetura brasileira? Qual o seu legado como professor das várias escolas em que lecionou? Em que medida sua arquitetura e suas ideias permaneceram?

Muito se acusou Rodrigo Lefèvre e a sua geração pela crise da arquitetura ou por terem "trocado a pena pelo fuzil", em referência ao seu engajamento na luta armada e ao suposto abandono da prática de projeto. Embora essa expressão venha de uma afirmação do autor publicada na revista *Ou...* em 1971, a sua descontextualização conduz a pistas falsas – isto é, a uma falsa oposição entre arquitetura e política que neutraliza ambos os lados do debate. Nem os arquitetos modernos da geração de Brasília furtaram-se aos intensos embates políticos, nem os seus críticos deixaram de compreender a prática profissional como campo material de disputa pela forma de modernização do país. É o que atesta o conjunto significativo de projetos e obras realizados no bojo da crítica a Brasília e formalizado em soluções construtivas, espaciais e programáticas da nova arquitetura contemporânea brasileira. A retomada do legado de Rodrigo Lefèvre contribui para uma aproximação histórica mais consistente ao projeto moderno das vanguardas brasileiras e à sua crise na contemporaneidade.

Como professor, Lefèvre teve uma preocupação pedagógica que é recorrente em seus textos sobre ensino. Para ele, a autonomia do aluno era uma estratégia fundamental para alcançar a inovação tecnológica e social na arquitetura. Preocupado em formar agentes de transformação, e não um séquito de admiradores, parece ter sido capaz de ambas as coisas.

Suas contribuições para as gerações seguintes foram muitas. Ativo na organização do Sindicato dos Arquitetos, formou uma geração de arquitetos urbanistas engajados com a construção de canais institucionais

alternativos e que tiveram um papel estratégico durante a redemocratização do país. Como professor de Estruturas e Tecnologia, difundiu o uso de modelos, apostando em uma aproximação empírica do aluno de arquitetura com o problema abstrato da forma estrutural. Com Sérgio Ferro e os estudantes da Faculdade de Arquitetura (FAU) de Santos (SP), em 1969, realizou uma pesquisa em favelas que se tornaria um marco na análise econômica do papel da moradia informal no capitalismo brasileiro. Foi um grande defensor da interdisciplinaridade e do projeto coletivo como forma inovadora de pensar e produzir a arquitetura. Sempre envolvido com os temas da arquitetura e da construção, de todas as contribuições de Rodrigo Lefèvre, a que mais se desenvolveu foi a utopia social gestada em sua dissertação de mestrado. Integrando processos técnicos e sociais, apontou uma saída para o impasse brasileiro na crise do regime militar. Uma utopia social incluída na assistência técnica à autoprodução das periferias e que mostrou a sua potência junto aos movimentos sociais urbanos durante o processo de redemocratização do país.

Notas Biográficas

Poucas trajetórias pessoais evidenciam tão didaticamente a complexidade das posições políticas que alimentavam o debate nacional entre os arquitetos paulistas durante o regime militar instalado depois do golpe, no final de março de 1964, como a de Rodrigo Lefèvre. Os textos aqui reunidos reconstroem o impasse da arquitetura no período de metamorfose do modelo nacional-desenvolvimentista.

Os elementos que permitiam a estabilidade política do período democrático pós-Estado Novo (1945-1964) entraram em crise com o golpe civil-militar. Entre eles, foi o fim do compromisso entre os setores de esquerda e a burguesia nacional e também a interrupção do regime democrático instituído pela Constituição de 1946. Ao mesmo tempo que representou a interrupção de um projeto de democracia social no país, o regime de 1964 também marcou uma fase de grande investimento do Estado em obras de infraestrutura, em financiamento massivo de habitações para a classe média por meio do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE) e do Banco Nacional da Habitação (BNH), principalmente após a instituição do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), em 1966. Os anos "de chumbo", marcados pela vigência do Ato Institucional n. 5 de dezembro de 1968, que suspendeu as garantias constitucionais e os direitos políticos dos cidadãos brasileiros, instituindo uma era de violência e terror na sociedade civil, também foram anos de muito concreto e aço.

Muitos arquitetos trabalharam, a partir de 1968, nas obras promovidas durante o período conhecido como "milagre econômico". Porém, por outro lado, o cerceamento das propostas fundamentais de transformação do espaço urbano e da produção da arquitetura em larga escala deixavam cada vez mais claros os limites dessa atuação profissional e a gestação de uma crise urbana e habitacional futura. Principalmente, incitavam severas críticas e reações ao modelo do planejamento brasileiro.

Entre os temas caros ao debate dos arquitetos antes de 1964 e que não se encaixaram no modelo de planejamento urbano do período do *milagre* estão a Reforma Urbana, que restringia o direito de propriedade do solo urbano – uma medida necessária para viabilizar o crescimento ordenado das cidades –, e a produção industrial da moradia – desejável, entre outros motivos, para ampliar o acesso e melhorar a qualidade da habitação. Esses temas tinham sido amplamente debatidos no Seminário de Habitação e Reforma Urbana promovido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) em 1963 e podem ser considerados as principais bandeiras da categoria.

A trajetória de Rodrigo Lefèvre pode ser seguida pelo conjunto de textos apresentados neste volume. Acompanhamos a atuação dos arquitetos no momento extremamente controverso que foi o período da ditadura militar brasileira, a disputa por diferentes modelos de desenvolvimento, que se expressaram pela forma espacial e tecnológica da arquitetura e pela organização social da cidade. Revisitar essa *crise em desenvolvimento* talvez ajude as novas gerações a compreender em uma perspectiva histórica a prática profissional do arquiteto no Brasil

Crítico do projeto desenvolvimentista, da arquitetura moderna e da especulação imobiliária do solo urbano, Rodrigo Lefèvre foi militante de esquerda e cumpriu pena por um ano em decorrência de sua atuação política contrária ao regime militar. Para espanto de muitos antigos colegas, ingressou, no ano seguinte, como arquiteto da empresa Hidroservice, uma das principais contratadas em grandes obras de infraestrutura do estado autoritário. E, ainda, como se não bastasse isso – integrar o "sistema" – Rodrigo Lefèvre causou polêmica ao defender publicamente esta sua posição em artigos e depoimentos sobre a importância da atuação profissional na modernização técnica do país.

A complexa visão social da técnica que Rodrigo Lefèvre formula ao longo de sua atuação profissional teria ficado ainda mais soterrada pela simplicidade das explicações maniqueístas que interpretaram a esquerda e a direita naqueles anos de luta contra a ditadura se o episódio trágico que interrompeu sua carreira no final de 1984 não devolvesse à superfície das evidências o compromisso político que sempre o moveu. Foi vítima fatal de um acidente de trânsito na Guiné-Bissau, durante sua estadia naquele país para implantar um sistema de gestão de equipamentos de saúde.

As homenagens póstumas publicadas pelas revistas *Projeto*[1] e *Novos Estudos Cebrap*[2] fornecem o registro da admiração de colegas e ex-alunos, da comoção generalizada pela perda repentina do companheiro, mas também deixam as pistas de sua influência em uma geração de arquitetos e de sua contribuição para o debate brasileiro contemporâneo. Pistas que perseguimos ao organizar esta seleção de textos.

1. *Projeto*, n. 65, jul. 1984.
2. *Novos Estudos Cebrap*, n. 11, jan. 1985.

Da Produção à Gestão; do Estudo da Periferia à Atuação na Guiné-Bissau: Notas sobre a Trajetória de Rodrigo Lefèvre

Rodrigo era um jovem aos 46 anos. Foi para a África tentar realizar um sonho cuja realização era impossível no Brasil. Largou tudo para seguir uma ideia. Já tinha feito isso antes. Desafiou o silêncio imposto pelo regime militar em 1969. Foi calado. Ficou preso durante um ano.

Acho que era um cara teimoso que não se conformava com a sujeição, com a alienação e com essa morte em vida que nos impuseram e que nos impede de realizar nossos sonhos, aparentemente tão simples como transformar em uma escola o canteiro de obras ou transformar em escola uma faculdade de arquitetura.

Rodrigo alimentava sonhos que envolviam o coletivo geralmente. Seria tão mais fácil se ele sonhasse com uma nova marca de carro, ou com um prêmio na exposição anual do IAB [Instituto de Arquitetos do Brasil].

ERMÍNIA MARICATO*

*Ermínia Maricato, "Companheiro", *Projeto*, n. 65, São Paulo, p. 44, jul. 1984.

Rodrigo Brotero Lefèvre (1938-1984) ingressa na prestigiosa carreira de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e João Batista Vilanova Artigas em 1957, aos 19 anos de idade, cursando a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Há apenas dez anos a carreira de arquiteto havia se separado da carreira de engenharia. Foi aluno de Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha, Jan Maitrejean, Carlos Millan, entre outros protagonistas da arquitetura moderna brasileira ou da chamada Escola Paulista.

Ainda cursando o segundo ano da faculdade, abre, junto com Sérgio Ferro, um escritório de arquitetura e realiza o projeto de uma residência no bairro de Perdizes, em São Paulo (SP), para Heládio Capisano. Esta foi a primeira de uma série de outras que possibilitaram a experimentação tecnológica que caracteriza a contribuição de Rodrigo Lefèvre para a arquitetura brasileira. Era o início da gestão de Carvalho Pinto no estado de São Paulo (1959-1963) e da construção de Brasília, ambos os fatores que ativaram profundamente a indústria da construção civil no país.

Nos últimos anos da graduação, em 1960, as encomendas dos Edifícios Goiás e São Paulo[1], em Brasília, permitiram aos jovens arquitetos acompanhar de perto as obras da nova capital, onde observaram a contradição entre a precária condição de trabalho nos canteiros de obras e a imagem ufanista do *Brasil moderno* divulgada pela imprensa na época. A cenografia de Flávio Império na montagem de *Morte e Vida Severina*, ainda no mesmo ano, forneceria o elemento catalisador para a crítica à arquitetura nacional-desenvolvimentista, formulada quase três anos mais tarde no manifesto *Possibilidade de Atuação do Jovem Arquiteto*[2]. Nesse texto, os autores apresentam os princípios norteadores da "poética da economia".

Nas palavras de Sérgio Ferro, seu parceiro mais frequente, a ousadia do desvio habitual dos materiais empregados no cenário de *Morte e Vida Severina* forneceu os caminhos para a arquitetura que experimentaram

1. Conforme *curriculum vitae* de Sérgio Ferro constante dos arquivos do Departamento Pessoal da USP. No *curriculum vitae* de Rodrigo Lefèvre constante dos arquivos da Fundação Vilanova Artigas, sem data, este projeto aparece datado de 1961.
2. Sérgio Ferro e Rodrigo B. Lefèvre, "Proposta Inicial para um Debate: Possibilidade de Atuação".

nos anos seguintes: "materiais simples transfigurados pela invenção lúcida convinham realmente mais ao nosso tempo que a contrafação de modelos metropolitanos"[3].

Estavam lançadas assim as bases de uma estética que buscava revelar as reais condições em que eram produzidos e consumidos a cultura e o desenvolvimento nacional. O impulso revolucionário dessa estética estava em abdicar do aparelho econômico do Estado Empreendedor e orientar o desenvolvimento tecnológico para a realidade histórica do subdesenvolvimento. O oposto do que havia sido a tônica da primeira geração de arquitetos modernos envolvidos no projeto político que culminou com a construção de Brasília.

Neste ambiente ainda de formulação de uma crítica, Rodrigo Lefèvre conclui a graduação em 1961 e, no ano seguinte, integra o corpo docente do Departamento de História[4] da FAU-USP como assistente de Nestor Goulart Reis, função que desempenharia até 1969.

O ano da publicação do paradigmático texto "Proposta Inicial para um Debate: Possibilidades de Atuação"[5], 1963, é também um ano de busca pela formação ainda incompleta. Rodrigo Lefèvre ingressa no curso de História da Arte oferecido pelo Centro de Pesquisas Literárias do Sedes Sapientiae, experimenta várias parcerias, realiza diversas pequenas encomendas e participa de dois concursos com o parceiro Sérgio Ferro: o do Clube da Orla, no Guarujá[6], e o da sede do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de São Paulo, este realizado em uma grande equipe, composta também por A. S. Bergamin, Arnaldo A. Martino, J. Guilherme S. de Castro, Júlio T. Yamazaki, Luiz Fisberg, Luiz Kupfer, Matheus Gorovitz e Waldemar Hermann.

No debate nacional, o ano de 1963 é marcado pela primeira tentativa de ampla mobilização em torno de uma Reforma Urbana, que aconteceu meses antes do golpe de 1964. Trata-se do Seminário de Habitação e

3. Sérgio Ferro, "Flávio Arquiteto", *AAVV – Flávio Império em Cena, Catálogo da Exposição*. São Paulo, Sociedade Cultural Flávio Império/Sesc, 1997, p. 98.
4. Atual Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto.
5. Rodrigo B. Lefèvre e Sérgio Ferro, "Proposta Inicial para um Debate: Possibilidade de Atuação".
6. Projeto exposto no Terraza Martini por iniciativa dos promotores do concurso.

Reforma Urbana, ocorrido em julho, na esteira das Reformas de Base e em paralelo a um crescente processo inflacionário que o Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social não havia conseguido controlar.

Rodrigo Lefèvre participa deste Seminário em 1963 e, ainda antes do golpe, participa da elaboração do plano de uma cidade-satélite no quilômetro 26 da rodovia Raposo Tavares, em Cotia (SP), para 35 mil habitantes, em uma gleba de 1 240 000 metros quadrados. O plano foi realizado por uma grande equipe e apresentado por Nestor Goulart Reis Filho, que o identificou como uma "cidade-dormitório" ou "cidade nova", referindo-se à experiência europeia do pós-Segunda Guerra[7].

O plano para a cidade-satélite foi publicado no ano seguinte ao golpe, em 1965, pela prestigiosa revista de arquitetura *Acrópole*, conhecida pela difusão da arquitetura moderna brasileira, em um número especial dedicado aos jovens arquitetos Rodrigo Lefèvre, Flávio Império e Sérgio Ferro. O número 319 desse periódico, de julho de 1965, diferencia-se dos demais logo na capa, que reproduz uma colagem na qual tanques de guerra, caricaturas e fragmentos de obras de arquitetura já dão ao leitor a pista do seu conteúdo. No miolo, o volume reúne pintura, cenografia e um conjunto inovador de obras residenciais construídas até aquele ano.

Vilanova Artigas, que apresenta a obra de seus ex-alunos, é lisonjeiro no reconhecimento do potencial dos jovens e das suas práticas inovadoras. Com o pretexto de explicar o funcionalismo, revela o seu lado no debate, defendendo a industrialização contra o atraso "feudal" *apesar* do subdesenvolvimento. Artigas demonstra a sua adesão às teses dualistas – que contrapunham atraso e modernização – e às teses do etapismo – para as quais a herança rural correspondia a um modo de produção feudal que seria superado pela modernização industrial burguesa. O desenvolvimento

7. O tema seria objeto do texto *Urbanização e Teoria*, tese de cátedra de Reis publicada em 1967. Nestor Goulart Reis Filho, *Urbanização e Teoria: Contribuição ao Estudo das Perspectivas Atuais para o Conhecimento dos Fenômenos de Urbanização*, tese de cátedra, São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1967. As questões sobre a industrialização da construção presentes neste projeto são analisadas por Ruth V. Zein, "A Miragem da Industrialização Abrindo a Mata Virgem a Facão", em C. E. D Comas, M. Peixoto e S. M. Marques, *Concreto: Plasticidade e Industrialização no Cone Sul-Americano. 1930-70*, Porto Alegre, UniRitter, 2010, pp. 87-106.

das forças produtivas nacionais era uma etapa necessária ao projeto da esquerda comunista daqueles anos, à qual Artigas pertencia.

> Mesmo considerando o atraso no desenvolvimento industrial de países como o nosso, a arquitetura, como arte, partia, em termos de funcionalismo, da possibilidade de desenvolver formas modernas a partir de qualquer nível de técnica construtiva. (...) Nas circunstâncias históricas em que vivemos, os países subdesenvolvidos desejam a industrialização quaisquer que sejam as suas decorrências, pois que, partindo das teses funcionalistas, seria possível o seu controle, já que agora [a industrialização é desejável] para transformar o nosso mundo, no qual o atraso do desenvolvimento capitalista, ou a sua convivência com o feudalismo, provoca espetáculos de miséria social muito piores[8].

A resposta de Rodrigo Lefèvre a Vilanova Artigas viria no ano seguinte, com o artigo intitulado "Uma Crise em Desenvolvimento"[9]. Nesse texto, Lefèvre critica o caráter de "experiência de laboratório" da arquitetura e defende a participação popular. O texto marca a passagem de um projeto nacional-modernizador-autoritário para outro nacional-democrático-popular. Partindo das posições sobre a técnica no subdesenvolvimento, objeto desses dois textos, é possível traduzir para o debate arquitetônico das soluções construtivas o enfrentamento das esquerdas no Brasil.

Neste ano de 1966, Rodrigo Lefèvre ingressa no curso de pós-graduação em Fundamentos Sociológicos do Planejamento na FAU-USP e em um curso de curta duração de Semiologia no Mackenzie, ministrado por Umberto Eco. Isso mostra a diversidade de seus interesses e de sua formação.

Nestes dois anos que antecedem o endurecimento do regime militar em 1968, Rodrigo Lefèvre desenvolve em parceria com Sérgio Ferro e Flávio Império um conjunto de oito escolas para o Fundo Estadual de Construções Escolares (Fece). A experiência repercutiu pela América Latina por meio da revista do Centro Regional de Construcciones Escolares para America Latina (Conescal). É também desse mesmo ano

8. João Batista Vilanova Artigas, "Uma Falsa Crise".
9. Rodrigo B. Lefèvre, "Uma Crise em Desenvolvimento".

o projeto, realizado em parceria com Flávio Império, de recuperação do Teatro Oficina, após o incêndio que, em 1967, destruiu a sua sede, projetada por Joaquim Guedes[10].

Rodrigo Lefèvre e outros professores alinhados com a resistência armada participaram da fundação da Faculdade de Arquitetura (FAU) de Santos entre 1967 e 1968[11]. O programa da escola previa uma aproximação com os problemas urbanos do subdesenvolvimento, propondo um engajamento com a realidade histórica na qual atuavam os arquitetos. Passos trilhados pela ideologia isebiana, que encontrará no segundo Grupo de Estudos sobre *O Capital* e na revista *Teoria e Prática*[12] um ponto de contato com o universo acadêmico uspiano em São Paulo[13].

Foi das pesquisas nas favelas realizadas pelos alunos da FAU-Santos sob orientação de Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro que Francisco de Oliveira percebeu o "substrato" ativo do subdesenvolvimento no tipo de acumulação capitalista altamente concentradora característica da formação periférica. Só então estabeleceu a crítica às teses dualistas que apostavam na industrialização brasileira para incluir os setores atrasados na economia moderna de uma sociedade democrática[14].

10. Fernando Peixoto, *Teatro Oficina (1958-1982): Trajetória de uma Rebeldia Cultural*, São Paulo, Brasiliense, 1982, pp. 26 e 63, coleção Tudo é História. Um novo projeto seria feito por Lina Bo Bardi em 1979.
11. Para um conjunto de depoimentos sobre a criação da FAU-Santos ver: G. A. Pinto, *Prática do Projeto no Ensino de Arquitetura: Investigação sobre Algumas Experiências, São Paulo, 1958/1985*, dissertação de mestrado, São Carlos, Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 1989. Sobre a participação de Sérgio Ferro na iniciativa, ver: Angélica Irene da Costa, *Sérgio Ferro – Didática e Formação*, dissertação de mestrado, São Carlos, Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2008.
12. Sérgio Ferro, companheiro de Rodrigo Lefèvre, participa destes dois eventos.
13. Ver, sobretudo, Roland Corbisier, *Formação e Problema da Cultura Brasileira*, Rio de Janeiro, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1958 *apud* C. G. Mota, *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*, São Paulo, Ática, 1994, pp. 164-166.
14. "O caso da autoconstrução e dos mutirões passou a ser explicativo do paradoxo de que os pobres, incluindo também os operários, sobretudo os da safra industrializante dos 1950, são proprietários de suas residências – se é que se pode chamar assim o horror das favelas – e, assim, reduzem o custo monetário de sua reprodução. [...] Aqui, o acaso também ajudou: ensinava Sociologia na nóvel Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos, com Sérgio Ferro, rigor formal e paixão, e o inesquecível Rodrigo Lefèvre, o dançarino das Sandálias de Prata que a madrasta levou, e eles realizavam com outros professores uma pesquisa sobre habitação. Ali se constatava que a grande maioria dos

A abordagem marca uma transformação do estudo da moradia informal. Então, mais empenhado em compreender a realidade das suas condições de produção e o seu papel no sistema de acumulação brasileiro.

O modelo de estudo empírico voltado para superar a pobreza nos países de terceiro mundo havia sido difundido no Brasil pelos trabalhos do padre dominicano francês Louis-Joseph Lebret, o primeiro deles realizado ainda em 1947[15]. Nos anos 1960, com a intensificação da urbanização brasileira e o agravamento das condições de moradia, outras propostas acadêmicas voltadas para o estudo e a intervenção nas condições de moradia na periferia de São Paulo são colocadas em prática: o Movimento Universitário de Desfavelamento (MUD)[16] em 1961 e os estudos tipológicos de Carlos Lemos e Maria Ruth na FAU-USP em 1964, e, posteriormente, em 1970-1971[17]. O MUD foi um programa interdisciplinar que previa a integração de intervenções nas áreas de saúde, educação e geração de renda. Os levantamentos de Lemos e Sampaio, por outro lado, identificaram os "sistemas de vida" da população e os padrões tipológicos da casa operária "brasileira". Mais tarde, seria o trabalho de Nabil G. Bonduki e Raquel Rolnik, *Periferias – Ocupação do Espaço e Reprodução da Força de Trabalho*[18], de 1979, que daria mais um passo efetivo em direção a uma explicação da relação entre a forma da produção da moradia e da urbanização periférica.

A experiência da FAU-Santos insere-se no contexto destes estudos e, considerando a "realidade histórica do subdesenvolvimento", também foi indutora de uma parte das propostas apresentadas no II Fórum de Debates da FAU-USP em 1968, influindo na segunda reforma no ensino desta

favelados era proprietária dos seus barracos: a incógnita foi resolvida com a revelação de que a construção da 'propriedade' era feita em mutirões, tal como imemorialmente se fazia no campo. Aí me caiu a ficha." Cf. Francisco de Oliveira, *Critica à Razão Dualista/O Ornitorrinco*, São Paulo, Boitempo, 2003, p. 130.

15. Michelly R. de Angelo, *Les Développeurs: Louis-Joseph Lebret e a Sagmacs na Formação de um Grupo de Ação para o Planejamento Urbano no Brasil*, tese de doutorado, São Carlos, Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2010.
16. Marta Maria S. Tanaka, "M.U.D. A Vivência e a Prática do Fazer", *Cadernos de Pesquisa do lap*, n. 6, mai.-jun. 1995.
17. Para uma descrição destas pesquisas, ver: Carlos Alberto C. Lemos, *Cozinhas, etc.*, São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 179.
18. Nabil Georges Bonduki e Raquel Rolnik, *Periferias – Ocupação do Espaço e Reprodução da Força de Trabalho*, São Paulo, FAU-USP/Fundação para Pesquisa Ambiental, 1979.

faculdade, ocorrida, assim como a primeira, na década de 1960. Rodrigo Lefèvre participa como relator do Departamento de Construção, e Sérgio Ferro participa como relator do Departamento de História[19]. Este último pretendia, entre outras modificações, instalar atividades de pesquisa na área de história da arquitetura[20].

A trajetória de Rodrigo Lefèvre direcionava-se cada vez mais ao estudo da tecnologia e de sua proposição no campo do desenvolvimento econômico-social ensaiado na FAU-Santos, onde lecionava Tecnologia. O tema dos sistemas construtivos se tornaria cada vez mais marcante em sua atuação. Em 1969, Lefèvre transfere-se, na FAU-USP, do Departamento de História para o Departamento de Projeto, aprofundando o contato entre uma proposta social e a produção material da arquitetura.

É ainda no ano de 1968 que Rodrigo Lefèvre projeta em parceria com Flávio Império a *Residência Juarez Brandão Lopes*. Toda a etapa de execução é racionalizada e simplificada, com o objetivo de testar um modelo de construção econômica para a casa popular. A estrutura, as alvenarias, as instalações aparentes, o sistema de caixilhos com caibros não aparelhados montados no próprio canteiro e a escada apoiada diretamente no solo fazem parte de um conjunto de inovações simplificadoras nas soluções construtivas que cada vez mais se aprofundaria em sua obra.

Sobre essa residência, é publicado em 1971 na revista *Ou...*[21] um artigo intitulado *Casa do Juarez*, assinado por Rodrigo Lefèvre. Nesse artigo, ele lança as bases da sua proposta. A produção da arquitetura deve ocupar um papel ativo na transformação social. Algo que mais tarde formularia, de modo ousado, incorporando a teoria de Paulo Freire. O seu trabalho de mestrado *Projeto de um Acampamento de Obra: Uma Utopia*[22], desenvolvido na FAU-USP sob orientação de Nestor Goulart Reis Filho, abriria caminhos que transformariam, em São Paulo, o papel da profissão.

Os anos de 1970-1971 foram anos de terror com a perseguição e o exílio de muitos intelectuais brasileiros. Rodrigo Lefèvre e o companheiro

19. Angélica Irene da Costa, *Sérgio Ferro – Didática e Formação*, *op. cit.*
20. Nestor G. Reis Filho, Depoimento concedido a Ana Paula Koury, 10 fev. 2012.
21. Rodrigo B. Lefèvre, "Casa do Juarez".
22. Rodrigo B. Lefèvre, *Projeto de um Acampamento de Obra*.

Sérgio Ferro são presos em dezembro de 1970, cumprindo pena por um ano. São anos tumultuados e de grandes inflexões para ambos. Ainda antes da prisão, Lefèvre inicia o projeto de um conjunto de residências, que se estende até 1972. Partes do projeto foram desenvolvidas, inclusive, durante o período em que esteve detido.

Nestas residências, Lefèvre inova o sistema construtivo das coberturas em abóbadas, imprimindo outro sentido a essa solução de cobertura, ensaiada anteriormente por Sérgio Ferro e Flávio Império no início dos anos 1960 nas *Residências Bernardo Issler* e *Simão Fausto*, respectivamente.

Lefèvre desenvolve em colaboração com a empresa Volterrana o sistema de vigotas de concreto curvas em formato de meia parábola de segundo grau, dispostas transversalmente ao plano da cobertura e preenchidas por elementos cerâmicos. A solução encontrada por Lefèvre amplia o alcance da coordenação modular ensaiada anteriormente nas *Residências Marietta e Ruth Vampré* e *Albertina Pederneiras*, também construídas no início dos anos 1960 – entre 1962 e 1965. Nessas residências, a cobertura permanecia uma grande laje de concreto armado plana moldada *in loco* e a coordenação modular e racionalização dos subsistemas ficava restrita às alvenarias e instalações.

A transformação desse sistema de cobertura permite aperfeiçoar uma linha de montagem de unidades habitacionais em larga escala, baseada em pré-fabricação leve no canteiro de obras, que seria apresentado no trabalho de mestrado de Lefèvre[23]. Neste caso, com referência explícita à obra do arquiteto cubano Juan Campos, que havia projetado o pavilhão de Cuba em 1963, construído por ocasião do VII Congresso da União Internacional dos Arquitetos (UIA)[24].

Destas casas em abóbadas construídas com o sistema de vigotas entre 1970 e 1972, a *Residência Dino Zammataro* recoloca de modo poético e inusitado o enfrentamento com as condições do trabalho no canteiro de obras, tema que seria tão caro a Sérgio Ferro tanto na arquitetura como na pintura.

23. *Idem*, *ibidem*.
24. Roberto Segre, *Arquitetura e Urbanismo da Revolução Cubana*, São Paulo, Nobel, 1986.

Na obra, os pontos de conexão do sistema hidráulico requeriam uma espessura maior do que o bloco empregado nas alvenarias. Rodrigo Lefèvre especifica um naco disforme de argamassa voltado para o lado externo da casa. Uma denuncia das relações de trabalho desvalorizadas na construção civil. As paredes sem recobrimento, os caibros da caixilharia utilizados em "bruto", ainda que fossem elementos já presentes nos projetos anteriores, causam, nesta casa, um impacto maior pela rudeza de sua aparência exterior. Um recurso para enfatizar na produção material da arquitetura a expressão simbólica da desvalorização do trabalhador na sociedade brasileira. A herança do passado colonial escravista reproduzida nas relações de trabalho no canteiro de obras da arquitetura brasileira de seu tempo.

As péssimas condições de trabalho nos canteiros de obras foram um dos temas mais caros a Sérgio Ferro no livro *O Canteiro e o Desenho*[25], publicado em 1979. O potencial da denúncia de Ferro na regulamentação das condições efetivas de trabalho no canteiro de obras não chegou a ser aproveitado. A descrição minuciosa das atividades e o conflito entre elas e a saúde do trabalhador permaneceram ofuscadas pela repercussão teórica do texto de Ferro e pelos limites políticos daquele momento histórico.

Em 1972, a carreira profissional de Rodrigo Lefèvre se altera significativamente. Ele ingressa como profissional contratado da empresa Hidroservice, distancia-se das encomendas das residências privadas e intensifica a sua inserção nas instituições de classe.

Ao contrário dos colegas Flávio Império e Sérgio Ferro, manteve-se próximo ao Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), entidade de classe fundada em São Paulo em 1945 por Rino Levi, Eduardo Knesse de Mello, Vilanova Artigas, entre outros. Lefèvre associa-se ao Departamento de São Paulo do IAB em 1962 atuando como membro de sua Assembleia Nacional no início da década de 1970 (1970-1971) e como suplente para o seu Conselho Superior até 1977. Em 1974, torna-se também membro do Sindicato de Arquitetos do Estado de São Paulo, fundado três anos antes, em 1971. Em 1974, foi sócio-fundador do Centro de Estudos de Cultura

25. Sérgio Ferro, *O Canteiro e O Desenho*, São Paulo, ProEditores/IAB, 1979.

Contemporânea (Cedec) com vários outros intelectuais, com muitos dos quais já havia travado contato no final dos anos 1960, durante sua militância política. Em 1978, torna-se membro do Instituto Brasileiro de Planejamento, em São Paulo.

Em 1977[26], ingressa como docente de projeto na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (FAU-PUC-Campinas) e retorna às suas funções na FAU-USP, reintegrado por meio de mandato judicial.

Em 1981, Lefèvre retorna à docência na FAU-PUC-Campinas depois de um afastamento por dois anos e, no ano seguinte, assume a vice-direção, por cinco meses[27].

Eleito em uma chapa encabeçada por Araken Martinho, que se afasta logo em seguida, Lefèvre, no exercício do cargo de diretor, enfrenta uma greve geral de estudantes. O desenvolvimento do processo político com os estudantes o leva a renunciar.

Ainda em 1982, passa a integrar o quadro docente do curso de arquitetura e urbanismo da Fundação Escola de Belas Artes de São Paulo. Foi nessa mesma instituição e nesse mesmo ano que ocorreu a experiência do primeiro Laboratório de Habitação, marco da difusão do papel político das assessorias técnicas aos movimentos sociais urbanos no Brasil. Rodrigo Lefèvre não participou diretamente do Laboratório, que foi coordenado pelo arquiteto espanhol Juan Villá. Participaram os arquitetos e também professores da instituição Antonio Carlos Sant'anna Júnior, Carlos Roberto Monteiro de Andrade, Marcos Antônio Osello e Nabil Bonduki[28].

26. Guimarães, que fez um registro mais aprofundado da atuação de Lefèvre na FAU-USP, aponta a sua participação na elaboração de um novo diagnóstico para a reestruturação do ensino na faculdade, o que deu origem à reedição do Fórum dez anos depois daquele de 1968 e também à sua participação, no mesmo ano de ingresso, em um grupo de estudos marxistas que teria organizado um seminário intitulado "A Cidade e a Espoliação Urbana". Cf. Humberto Pio Guimaraes, *Rodrigo Lefèvre*, p. 86.
27. Ocupou o cargo de maio a setembro de 1982.
28. Humberto Pio Guimaraes, *op. cit.*, p. 93. Para uma reflexão sobre o sentido político do projeto de arquitetura naqueles anos consultar também R. L. S. Anelli, "O Projeto de Arquitetura na Pesquisa Acadêmica: Especificidades, Limites e Desafios", em *IV Projetar 2009. Projeto como Investigação: Antologia*. São Paulo: Alter Market, 2009.

No ano anterior, Lefèvre já havia feito a defesa da técnica nacional, no artigo "O Arquiteto Assalariado", publicado na revista *Módulo*[29]. Naquele momento, já se encontrava aparentemente afastado do interesse pelas práticas de trabalho intensivas que havia investigado com grande entusiasmo durante a década de 1970.

Em 1975, passa um ano como professor de dois estúdios interdisciplinares na Unité Pedagogique d'Architecture de Grenoble, França, onde lecionava Sérgio Ferro. A estadia na França rende a Lefèvre um importante ingresso na psicologia por meio do contato com Françoise du Boisberranger, de onde retirou os elementos de que necessitava para transformar o modo de abordar o ensino de projeto. Desta estadia, decorre a apostila *Notes sur le travail de projet dans une école d'architecture*[30], para alunos da Unité Pedagogique d'Architecture. Posteriormente, foi traduzida para os alunos da FAU-USP sob o título *Notas de um Estudo sobre Objetivos do Ensino da Arquitetura e Meios para Atingi-los em Trabalho de Projeto*[31] e transformada em disciplina de extensão universitária ministrada em colaboração com o arquiteto Paulo Bicca, em 1982.

O trabalho é um esforço de Rodrigo Lefèvre para transmitir aos jovens estudantes de arquitetura a que se dirigia na FAU-USP e na PUC-Campinas, no final dos anos 1970, a consciência do papel social do arquiteto, isto é, das implicações políticas e ideológicas do projeto de arquitetura, princípio profissional que havia sido caro em sua formação estudantil e o tema de seu estimulante embate com Vilanova Artigas.

O juízo crítico do autor se manifesta no conjunto de sua obra, mas é explicitado neste texto como um método de projeto que se opõe aos pré-juízos (subjetivismos) ou "julgamentos alienantes" que permeiam o "querer do arquiteto". A consciência da decisão tomada na concepção e desenvolvimento do projeto de arquitetura – a técnica, o programa e a formalização – seria um modo de preservar, em uma geração de estudantes, a capacidade de decidir qual o melhor caminho a seguir. As transformações

29. Rodrigo B. Lefèvre, "O Arquiteto Assalariado".
30. Rodrigo B. Lefèvre, *Notes sur le travail de projet dans une école d'architecture*.
31. Rodrigo B. Lefèvre, *Notas de um Estudo sobre Objetivos do Ensino da Arquitetura e Meios para Atingi-los em Trabalho de Projeto*.

históricas em curso, certamente, exigiriam mais daqueles jovens do que um receituário de soluções práticas de projeto (ou do exercício de um "*metier*"), mas a capacidade de avaliar as condições da realidade e de formular alternativas concretas para a produção da arquitetura em função de uma variável histórica.

A formação de quadros para promover o desenvolvimento nacional era uma preocupação presente nas discussões sobre o ensino na FAU-USP, tema da reforma universitária de 1962 e retomado em diversas ocasiões. Foi esse o sentido de compromisso que orientou Rodrigo Lefèvre em sua prática profissional, inclusive ao formalizar em sua arquitetura residencial um sistema construtivo que pode ser considerado uma crítica ao projeto vigente de modernização do país. Também foi esse o sentido de sua atuação pedagógica e dos textos que escreveu sobre a prática da arquitetura.

Ao contrário do que aconteceu com a difusão do livro *O Canteiro e o Desenho*[32], a contribuição de Lefèvre para a reflexão sobre a atuação profissional resultou em uma por vezes controversa afirmação da profissão e também de sua transformação institucional.

Rodrigo Lefèvre percebeu, nos anos 1970, a importância do domínio do desenvolvimento técnico para um projeto de autonomia, que não era necessariamente nacionalista. Nessa perspectiva, considerava a necessidade de transformar as entidades de representação profissional. Acreditava que o desenvolvimento econômico do país levaria à uma crescente sindicalização causada pelo aumento do número de "arquitetos assalariados". Previa também um novo perfil profissional: o arquiteto integrado em grandes equipes multidisciplinares, dentro das quais atuaria como coordenador. Posição natural derivada de sua formação ao mesmo tempo em que técnica, também criativa e generalista. Para Lefèvre, o arquiteto desenvolve a capacidade de integrar diferentes componentes e subsistemas, muitas vezes desconexos, produzindo, assim, novas configurações espaciais. Esses temas serão tratados no ciclo de depoimentos e debates sobre a produção dos arquitetos e o desenvolvimento nacional promovido pelo IAB em 1979 e retomado no artigo de Lefèvre para a revista *Módulo* em 1981[33].

32. Sérgio Ferro, *op. cit*.
33. Rodrigo B. Lefèvre, "O Arquiteto Assalariado".

Como vimos, a ditadura militar brasileira ampliou os investimentos do Estado em obras de infraestrutura e completou o aparelho produtivo nacional[34]. Sua ação beneficiou os grandes grupos privados e estabeleceu novas conexões entre os setores nacionais e internacionais[35], aprofundando, ao mesmo tempo, a desigualdade social e a concentração de riquezas e colocando em xeque a utopia social do ciclo desenvolvimentista anterior.

O momento seguinte ao golpe foi ainda um ambiente bastante propício para o fortalecimento das empresas de engenharia[36], muitas delas originadas antes mesmo do Plano de Metas de Juscelino Kubitscheck (1955-1961). Junto com Brasília, a integração nacional e as obras no setor de energia que promoveram o salto de modernização dos "50 anos em 5" ofereceram um grande volume de trabalho para essas empresas.

Entre as grandes empresas que atuaram durante o regime militar em São Paulo, o Escritório Técnico Figueiredo Ferraz foi uma das primeiras do ramo de engenharia consultiva, organizado ainda em 1943. A empresa Hidroservice Engenharia Ltda. foi criada pelo empresário Henry Macksoud em 1958 na esteira das grandes obras de JK. Na mesma época, também foram criadas a Internacional de Engenharia S. A. (Iesa) (1957), o Consórcio Nacional de Engenharia Consultiva (CNEC) (1959) e a Promon Tecnologia Ltda. (1960)[37].

Rodrigo Lefèvre é admitido na empresa Hidroservice em 1972 e tem a oportunidade de contribuir em grandes projetos, como a Central de Abastecimento de Curitiba, projeto do arquiteto uruguaio Eladio Dieste. Participou ainda da equipe de desenvolvimento de dois aeroportos, no Rio de Janeiro e em Manaus, e coordenou projetos como o Edifício Sede do Departamento Nacional de Estradas de Rodagens (DNER), em Brasília, o Instituto dos Ambulatórios do Hospital das Clínicas (1973-1975), em São

34. A. B de Castro e F. E. P. Souza, *A Economia Brasileira em Marcha Forçada*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
35. Florestan Fernandes, *A Revolução Burguesa no Brasil: Ensaio de Interpretação Sociológica*, 3. ed., São Paulo, Globo, 2006.
36. A. C. Vasconcelos. *O Concreto no Brasil: Pré-fabricação, Monumentos, Fundações*. São Paulo, Studio Nobel, 2002.
37. Humberto Pio Guimaraes, *op. cit.*, p. 74.

Paulo, a Cozinha Industrial da Cosipa (1976-1977), em Cubatão (SP), e a Fábrica de Elementos Combustíveis da Nuclebras (1977-1978). Participou dos estudos preliminares para a remodelação do Hospital Sírio-Libanês (1978), em São Paulo, da equipe que elaborou o projeto executivo do Terminal Rodoviário do Tietê (1979), também em São Paulo, do projeto de obras de arte na Rodovia dos Trabalhadores (1980), no trecho entre São Paulo e Santa Isabel (SP), e da elaboração de projeto para ampliação das instalações da Alcan (1982), empresa multinacional de produção de perfis em alumínio localizada em Taubaté (SP)[38].

Envolvido com o projeto do prédio dos Ambulatórios do Hospital das Clínicas, Rodrigo Lefèvre tratou de se aprofundar no tema e frequentou dois cursos, um ainda em 1974, sobre planejamento hospitalar, na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP-USP), e o outro em 1980, sobre saúde e educação popular, promovido pelo Instituto Brasileiro de Planejamento e pela Associação de Médicos Sanitaristas de São Paulo.

Três anos depois, em 1983, seria o responsável, por meio da empresa Hidroservice, por implantar uma rede de assistência médica na Guiné-Bissau. A encomenda fez parte da implantação do I Plano de Desenvolvimento Econômico e Social, que visava superar o atraso do país, que havia recentemente passado por uma revolução. Em setembro de 1973, a Guiné-Bissau havia se libertado do domínio português e o poder fora dado ao Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde, partido nacionalista de esquerda que havia conduzido o processo revolucionário.

A empresa foi contratada pelo Ministério da Saúde e de Assuntos Sociais da Guiné-Bissau em abril de 1983 para a "formação de pessoal sanitário e de gestão dos serviços de saúde". Rodrigo Lefèvre mudou-se para a África, onde viria a falecer no ano seguinte, 1984, no dia 9 de junho.

Na Nigéria, elaborou o plano de massa para o centro da cidade nova de Ajaokuta, no estado de Kogi, em 1980, e, no ano seguinte, projetou um hotel em Lagos. A empresa Hidroservice também realizou projetos de grande porte em vários países nas áreas de eletrificação, construção de hidrelétricas e construção de aeroportos, na Bolívia, China, Colômbia,

38. Miguel Buzzar, *op. cit.*

Equador, Guiné Equatorial, Guatemala, Honduras, Paraguai, São Tomé e Príncipe e também em Portugal. Lefèvre participou ainda da equipe do Estudo de Localização e Viabilidade do Aeroporto Internacional da Ilha da Madeira (1979-1980)[39]. Mas foi na perspectiva de atuar no continente africano que Rodrigo Lefèvre encontrou o desafio que o permitiria contribuir no processo de desenvolvimento e modernização das antigas colônias europeias, ainda dentro de uma perspectiva utópica. Perspectiva essa que, aos poucos, se revelou cheia de contradições, como atestam cartas e depoimentos de amigos que acompanharam a sua experiência africana.

Além de um agente polêmico da atuação profissional e produtor de utopias sociais que inspiraram uma geração, Rodrigo Lefèvre foi ainda um importante analista da questão fundiária em São Paulo. O tema coincide com o seu retorno à FAU-USP ainda em 1976, como aluno de pós-graduação em Estruturas Ambientais Urbanas, um ano antes de ser reintegrado como docente por meio de mandado de segurança. Neste período, o tema da urbanização e o problema fundiário da "renda da terra nas grandes cidades" origina um conjunto de artigos, publicados a partir de 1978. Nesse mesmo ano, Rodrigo participa da mesa-redonda "O Papel da Renda da Terra no Padrão de Crescimento das Grandes Cidades", na 30ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), e do seminário "Renda Fundiária na Economia Urbana", promovido pela Fundap. Dois anos mais tarde, em 1980, participa do seminário "Renda Fundiária Urbana", promovido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Urbano. Ainda em 1978, publica "Notas Sumárias sobre a Renda da Terra Urbana"[40] e, no ano seguinte, "Notas sobre o Papel dos Preços de Terrenos em Negócios Imobiliários de Apartamentos e Escritórios, na Cidade de São Paulo"[41].

Será em sua dissertação de mestrado que Rodrigo Lefèvre dará uma importante contribuição para a formulação de uma utopia social completa

39. Chegou-se à elaboração de um Plano Diretor Preliminar de reforma e ampliação do Aeroporto Santa Catarina, existente na ilha.
40. Rodrigo B. Lefèvre, "Notas Sumárias sobre a Renda da Terra Urbana".
41. Rodrigo B. Lefèvre, "Notas sobre o Papel dos Preços de Terrenos em Negócios Imobiliários de Apartamentos e Escritórios, na Cidade de São Paulo".

baseada na participação política dos movimentos sociais urbanos das periferias de grandes cidades. Nesse trabalho, intitulado Projeto de um Acampamento de Obras: Uma Utopia, Lefèvre idealizou um canteiro-escola inspirado na pedagogia de Paulo Freire. O método de conscientização política adotado por Freire para alfabetizar em pouco tempo uma comunidade de cortadores de cana no Rio Grande do Norte no início dos anos 1960 seria usado neste caso para integrar uma comunidade formada por migrantes, que chegavam à cidade de São Paulo atraídos pela pujança econômica, mas que não encontravam abrigo, nem inserção na economia formal. Esses migrantes seriam os produtores e gestores do espaço que ocupariam na cidade. Pela ação do apoio técnico de arquitetos e assistentes sociais, a autoprodução do bairro funcionaria como um condensador social para a autonomia gestionária e consciência política. A proposta foi elaborada em um momento de grande organização social dos movimentos urbanos, que desempenharam um papel ativo fundamental no processo de redemocratização do país.

A defesa de sua dissertação, em 1981, é seguida de uma apresentação na Associação de Engenheiros e Arquitetos de Campinas[42]. No ano seguinte, Lefèvre ministra um curso de curta duração no Congresso Brasileiro de Arquitetos, na Bahia, intitulado "A Autoconstrução e a Variação do Valor do Preço da Força de Trabalho".

O retorno de Rodrigo Lefèvre à FAU-USP marcará uma profícua interlocução com uma geração de estudantes. O seu trabalho de mestrado apontará caminhos importantes para a atuação do profissional da arquitetura durante o longo processo de redemocratização do país.

42. "Uma Dissertação de Mestrado", Campinas, 1981 (palestra).